

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VI

Nº 75/81

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

poemas

crônicas

contos

artigos

ensaios

críticas

entrevista/ margarida patriota

# Caçadora de palavras

BRASÍLIA DAS  
ARTES PLÁSTICAS



# O papel da cultura

no  
processo  
da  
ressocialização

□ JOILSON PORTOCALVO

**C**ansado de ser espectador e às vezes crítico do sistema carcerário, resolvi entrar como voluntário na Papuda para fazer um trabalho na área de literatura. Muitos foram os questionamentos pessoais e os obstáculos, dentre eles a dificuldade de ingresso pela primeira vez num lugar que só conhecemos através da TV e do cinema.

Derrubados todos os obstáculos, ingressei, levando uma fatia de cultura e solidariedade a quem dispõe de muito pouco. Interferi como cidadão num setor que achamos não ser de nossa conta, a não ser quando somos pagos, ou somos levados aos empurrões. Para interferir basta a presença. Mesmo se alguém tentar impedir ou atrapalhar, é que devemos radicalizar e não arredar pé.

No segundo semestre de 1997 realizei na Papuda uma Oficina Literária, graças à Funap e ao interesse maior de 29 inscritos. Tive, por livre e espontânea vontade, de encarar pessoas totalmente estranhas e desconfiadas. Dizer que foi fácil, seria demagogia. As barreiras e os muros (deles, meus e do sistema), poderiam me fazer



recuar no primeiro dia, mas isso não aconteceu, resistimos. Estabeleceu-se – após quebrado o gelo – uma grande confiança mútua.

Após alguns encontros, começaram a aparecer os frutos: contos, poemas e relatos pessoais. Organizei a antologia *Confissões em cadeia, sete homens privados do direito de ir e vir* – poesia e prosa, finalmente publicada e esgotada.

Pronto? Qual nada. O lado financeiro, o tráfico de influência e o emocional onde ficam? Atrapalho-me, embaraço-me quando o assunto é dinheiro, política e polícia. Tenho agora sete meio-filhos que me cobram um posicionamento que não posso negar. Entenda-se que a cobrança na verdade não parte deles, mas de mim para comigo, pois acho que embora não sendo advogado, psicólogo ou político, sinto-me capaz e bastante comprometido para fazer algo. A presença e atenção recíproca dizem tudo. Um deles, o Manoel Gomes, força um pouco a barra: escreve, telefona quando pode, pedindo minha presença. Manoel é um dos que estão tentando fazer da literatura uma ponte de acesso à sociedade e à liberdade.

Quando um dos sete, o Sérgio, me abraçou e disse: “Ofereço ao senhor minha vitória no vestibular” e depois: “Vou colocar óculos escuros para não ser visto chorando perto de um homem” estava pedindo uma ajuda que eu ainda não sabia como oferecer. (Sérgio compõe música góspel e tem uma bela voz).

Nunca nenhum me chamou para sua defesa (diretamente), nem reclamou de nada. Jamais algum me pediu dinheiro ou advogado. Se ainda os procuro é porque, se os cativei, sou responsável por eles. (Licença, Exupéry).

Por duas vezes presenciei policiais chamando a atenção de um detento, de forma grosseira. O preso cometera o crime de deixar



crescer a barba. É lei andar barbeado em presídios. Mas não lhe é dada a condição de ganhar com o suor do seu rosto o dinheiro para comprar um aparelho de barbear. Da última vez, o policial disse para quem quisesse ouvir: “Vai ver o que faço com você da próxima vez”. Corri para comprar um Prestobarba para o meu amigo e não me atrevi a defendê-lo, pois se o fizesse poderia complicá-lo, e para ele o castigo viria na certa.

E o meu discurso começa a descambar para o ridículo e comum: dignidade, cidadania, respeito. Será contrasenso pedir respeito para quem não respeitou as leis, transgrediu regras? E a gente começa a se sentir bandido por pedir trabalho, saúde física e mental para quem não foi nenhum santo. Prenda-se alguém numa gaiola de ouro sem lhe oferecer qualquer condição de crescer e se perceberá que não é a cadeia física que mais maltrata e sim a psicológica. Isso é dito por eles nos textos de *Confissões em cadeia*. A chamada ressocialização só acontecerá com muito estudo e trabalho.

Será que uma voz isolada pode derrubar com o seu eco as barreiras de aço que revestem o radicalismo

das leis? Alguém sem muita influência, sem o chamado jogo de cintura, pode chegar e criar suas regras? Sim, pode. Senão me calaria. Ainda acredito em algumas pessoas como um policial com quem conversei no dia 7/1/98, durante meia hora, no Núcleo de Custódia. Pareceu-me um homem que trata o outro como um igual, sensato e sensível. Falamos sobre cinema, teatro, música e outros assuntos. Não é como a maioria que se reveste de uma carranca e se faz grosseiro. Parableno-o por ter mandado servir suco de maracujá a alguns presos que diziam estar “desejando” tomar um suco feito da fruta. Ouviu, trouxe frutas e açúcar de casa como exemplo de bom senso e respeito ao semelhante.

Quatro dos escritores presidiários que participam da Oficina Literária realizada por mim no segundo semestre de 1997 lograram passar no vestibular. Dois deles em 1998: Sérgio e Manoel, Pedagogia e Química, respectivamente. João e Ricardo tinham sido aprovados anteriormente, mas tiveram que trancar matrícula, pois a licença para freqüentar a faculdade lhes foi negada. (Em tempo: João Dias já está em condições de fazer uso da bolsa que conquistou; foi recentemente transferido para o NPSA).

Por que permitir que estudem? Por que deixar que sonhem com um curso superior sabendo que não podem sair para usufruir do direito conquistado? Direito? A dificuldade alegada é que, para sair da penitenciária, cada detento precisa de dois policiais para sua escolta. Que tal se a universidade oferecesse também bolsas para os policiais, assim parte do problema estaria resolvido. Além de acompanhar os alunos detentos, poderiam fazer um curso superior. Ou, a exemplo do vestibular, se o aluno não pode ir à universidade, que a universidade vá ao aluno.

O objetivo do nosso sistema carcerário não deveria ser o de nivelar seres humanos por baixo. A palavra *criminoso* tem muitas conotações: cada caso deve ser visto e analisado de forma diferenciada. Colocar na mesma cela pessoas de índoles e culturas díspares pode provocar uma contaminação social. Embora admita que um assassino, um estuprador e um traficante sejam criminosos, afirmo: são absolutamente diferentes.

A religião e a educação estão presentes nas penitenciárias; a primeira por imposição das igrejas que sabem seduzir, atirando sua rede nas águas turvas e ganhando o mérito de estar ajudando e, lógico, estão. O que seria de muitos que têm a consciência pesada se não tivessem acesso a Deus?

Já a educação (entenda-se como tal a escola) vem perdendo terreno não apenas para as igrejas que fazem um trabalho importante, apesar de permitir que boa parte do “rebanho” se fanatize. A droga, a prostituição e outros crimes brigam pela maior fatia do bolo. Aí, sim, a escola deveria lutar com todas as armas e exorcizar os virtuais inimigos, podendo, inclusive, aliar-se à igreja.

A quem caberia “seduzir” homens ociosos? À escola? Ao teatro? – A todos. A escola é a condutora oficial do processo. Mas a sociedade e as entidades culturais deveriam entrar e conquistar adeptos, melhorar o nível intelectual de homens privados não apenas do direito de ir e vir; privados também de optar pelo que melhor se adapte à sua necessidade; privados de exercer o seu limitado direito. Quais são os direitos de um condenado? Quem puder responda. Fala-se

somente em dever.

A falta de vontade política, a incompetência do Estado, a inoperância do sistema têm causado mazelas na chamada ressocialização de indivíduos que esperam lhes sejam dadas as chances para sair definitivamente da criminalidade. Não raro, encontram-se apenados reclamando o direito de voltar ao convívio da família e de freqüentar uma faculdade. A família também paga pelo crime, não somente do parente preso, mas principalmente



sendo alvo de discriminação por parte da sociedade que deveria, junto a ela, buscar uma solução para muitos pais de família saírem sem traumas do inferno, sem que a punição seja uma constante. Não é raro encontrar crianças com dificuldade de freqüentar a escola, pelo fato de serem filhas de presidiários. Não será suficiente a reclusão e, além disso, e depois disso, a consciência? A sociedade, com seus medos e preconceitos, termina por fortalecer o retorno do egresso ao crime.

A quem caberia mediar o difícil diálogo sistema/sociedade/presidiário? O que deverá ser feito para dirimir o medo e preconceito

da sociedade? Talvez o judiciário, com centenas de anos de prática, tenha o componente que achamos não existir para que a volta do ex-detento à sociedade não seja traumática. O judiciário, a princípio, deveria também ter a fórmula de ressocializar. E nisso, nós, cidadãos comuns, ficamos tentando “inventar a roda”, tentando dizer que é possível, tentando provar que pode haver uma maneira. Infelizmente, alguém já disse: “Preso não dá voto”.

O acesso ao livro se dá através de bibliotecas – que têm papel importante no contexto – que ainda dependem da luta incansável de poucas pessoas dispostas a implantá-las. Lidar com literatura neste país já é difícil para quem está em liberdade... imagine preso. Equipar bibliotecas é tarefa árdua – no caso da Papuda, da bibliotecária Conceição. Mas quase sempre apenas os livros didáticos são consultados. Como fazer para que o leitor-presidiário adquira o livro? A preguiça de ler é comum entre nós,

imaginem entre aqueles para os quais o tempo e o espaço são dimensionados de maneira ímpar. O livro chega quase sempre defasado. A literatura contemporânea chega com certo atraso e a qualidade não é muito confiável, já que a maioria dos livros é doada, e poucas pessoas doam bons livros. As editoras poderiam fornecer livros atuais, sistematicamente, através de algum convênio, mas o que a editora ganha com isso, já que a maioria visa apenas conquistar o leitor que detém poder de compra? As editoras sabem que dificilmente essa clientela trará o retorno comercial de uma escola “normal”. É o jogo de interesses e mais uma



vez a falta de vontade política de quem detém os mecanismos que não permitem a chegada de bons livros aos presídios.

A quem interessaria o preparo intelectual de detentos? A quem interessa transformar em cidadãos homens excluídos?

Se a maioria dos detentos de um presídio conseguir armar-se de conhecimento e usar essa arma para exercer não apenas o dever, mas também o direito, ficará difícil para o “sistema” domar a massa, que dificilmente engolirá as normas antiquadas impostas no grito a homens de espírito livre. O ser humano que deixa de ser “analfabeto político” passa a ser a pior ameaça à sociedade. O sistema pensa assim. Terá razão?

Quantas vezes paramos para avaliar o porquê de tantas rebeliões nas penitenciárias brasileiras? É cômodo encontrar-se logo o culpado e condená-lo por mais um crime. Mesmo que a penitenciária fosse um convento, haveria conflitos, agressões e crimes; afinal ninguém é santo.

Quando pedi aos participantes da primeira Oficina Literária por mim conduzida na Papuda que escrevessem o que bem entendessem, perguntaram se havia censura prévia, ou coisa parecida. “Escrevam sem qualquer preocupação, ninguém vai censurar nada”.

Não venham com M, P, C... Todas as palavras têm que ser escritas. Mas não era essa a censura que temiam. Temiam que seus textos caíssem nas mãos de pessoas que tomassem o que tinham escrito como ofensa e os punissem ou impedissem a publicação do livro que nos propusemos publicar. Não mostrei a ninguém que detivesse poderes de censura, salvo a meia dúzia de editoras e a alguns colegas escritores.

Quase sempre as coisas fogem ao nosso controle: a censura aconteceu. Não ao livro como um todo, mas a um dos autores, que

teria violado certos códigos da cadeia. As reações acabaram por chegar a quatro dos sete autores. Alguns detentos não gostaram das críticas e, principalmente, de ter sido revelado o nome do preso criticado. Nada disso tira o mérito da obra. Textos fortes, líricos, dolorosos e verdadeiros. Precisam ser lidos, doa a quem doer. É possível que alguns dos insatisfeitos (não me refiro aos autores da obra) estejam acometidos do sentimento comum a uma maioria quando alguém faz sucesso: inveja.

Acredito que o autor alvo da censura a que me refiro não tenha pretendido atacar ninguém, apenas teve coragem de dizer o que pensa, sem qualquer máscara. Fica claro que muito se diz no calor da emoção. Como tudo num presídio funciona diferente (lá é outro mundo), a lógica humana às vezes não tem nenhuma lógica.

São sete escritores, sete pensamentos; impossível não acabar ocorrendo insatisfações. Nem *Poliana* consegue unanimidade. Se nenhum dos sete autores merece um prêmio de escritor revelação, também não deve sofrer qualquer tipo de discriminação. Afinal, eles não são Salman Rushdie, autor de *Versos satânicos*. Nada que possa



acontecer, nenhuma força poderá impedir o furacão da arte.

Da administração do tempo à espera pela liberdade (como deve demorar um dia em uma cela ...), melhor não procurar entender o que se passa no íntimo de cada um. Nada deve ser pior que a sensação de abandono por que passam tantos seres humanos privados de liberdade.

Para encerrar citarei, como fracasso do sistema penitenciário brasileiro, João Inácio Pereira, o Bandido da Luz Vermelha. Não para defendê-lo, que ninguém entenda assim. É que para mim, aquele homem, agora que morreu definitivamente (posso dizê-lo assim) morreu quando entrou na cadeia; talvez tenha morrido antes, ao cometer o primeiro crime. Mas não quero julgar presos, meu objetivo é apontar outros criminosos. E o principal é o sistema que não reeduca, e nem cuida da saúde dos reclusos. Qualquer leigo perceberia que o Luz Vermelha era um doente mental, menos os psiquiatras que assinaram o laudo, menos o juiz que acatou o mesmo laudo. Mas a mídia vive fabricando heróis, se não o Bigs e o Pareja não davam tanto lobo.

Sendo assim, quem matou João Inácio não foi o homem que puxou o gatilho, e sim os omissos; e sim quem o manteve preso durante trinta anos. Mesmo sabendo que ele precisava mais de tratamento médico do que apenas de cumprir sua pena e sair mais maluco do que entrou. Velhos e inúteis são os que ficam à espera do tempo que não os recupera para, quem sabe, vingar-se da sociedade que pagou impostos para mantê-los, via de regra, inúteis e improdutivos, para receber todos os não que temos na ponta da língua.

Breve teremos outro filme para mostrar as novas desventuras e derrotas do Bandido da Luz Vermelha, para disputar com a história do Pareja.